

NAMASTÊ: SAUDAÇÕES DO YOGA AO CORPO NA ATUALIDADE

Verônica Teixeira Guarnieri

Graduanda de Educação Física – PUCRS

Danielle Miranda Lopes

Bolsista BPA/ PUCRS

Vera Lúcia Pereira Brauner

Prof^a. Dra. PUCRS

RESUMO

Este estudo busca verificar as representações de corpo das yoguínis, de um estúdio de Porto Alegre e a relação com o “corpo” representado na filosofia yogui e também compreender, através das narrativas dos sujeitos, os discursos atuais sobre o corpo e seus atravessamentos em práticas corporais como o yoga. O suporte teórico desta pesquisa está baseado nos estudos culturais, na antropologia, sociologia e textos históricos e atuais da filosofia yogui. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa tendo como instrumento metodológico entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa está em andamento e até o mês de setembro, resultados poderão ser apresentados.

ABSTRACT

This research aims to verify the representations of body of the yogis of a studio in Porto Alegre and the relation with “body” represented in the yogi philosophy. It also aims to comprehend, through the subjects’ narratives, the current discourses regarding the body and their connections to corporal practices such as yoga. The theoretical support of this research is based on cultural studies, anthropology, sociology and historical and contemporary texts of the yogi philosophy. The work is characterized as a qualitative research having semi-structured interviews as methodological instrument. The research is in progress and results may be presented by September.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivos averiguar las representaciones de cuerpo de “yoguínis”, en relación con el cuerpo representado en la filosofía yogui, además de comprender, a través de las narrativas de los sujetos, los discursos actuales sobre cuerpo y sus atravesamientos en prácticas corporales como el yoga. El soporte teórico de la investigación se basa en los estudios culturales, antropología, sociología y textos históricos y actuales de la filosofía yogui. El trabajo caracterizase como una pesquisa cualitativa, teniendo como herramienta metodológica, entrevistas semi-estructuradas. La recerca está en marcha y, hasta el mes de septiembre, los resultados podrán ser presentados.

Atualmente o corpo vem sendo cada vez mais modificado, transformado e reconstruído com ajuda de práticas relativamente recentes que fazem com que este corpo passe a ser resultado de um desejo fundamentado em um discurso que ecoa cada vez mais nas esferas da nossa cultura. Nunca o corpo-objeto foi tão exaltado como na atualidade ao mesmo tempo, em que cada vez mais este tem sido transformado em uma mercadoria

quase descartável. Neste antagonismo é que habita o nosso corpo hoje, cercado e constantemente interpelado por saberes que foram se estruturando durante o tempo e que atualmente se cristalizam.

A ciência ao desvendar o interior do corpo humano passou a classificá-lo, a esmiuçá-lo e a dividi-lo de tal forma que o corpo hoje se tornou praticamente uma matéria indiferente, um objeto à disposição que pode então, ser demudado, recondicionado e até ser quem sabe imortalizado. Porém, indiscutivelmente este corpo, ainda é, efêmero, finito, território das nossas vivências, signo da nossa existência. “Um corpo sempre é ‘biocultural’, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual” (SANT’ANNA, 2000 p.3). Ou seja, a sua dimensão esta para além, da sua matéria perpassando também, o natural e o cultural. Sendo assim, como Goellner (2003) destaca, este corpo é o seu entorno, é marcado por todas as suas experiências em diferentes épocas, sociedades, culturas, etc. Neste corpo deixamos revelar não somente aquilo que nos é herdado geneticamente mas também, tudo o que opera no plano simbólico. Este corpo, então, se constrói e se reconstrói a cada dia, em cada época, em cada sociedade.

Le Breton (2003) enfatiza que o fato de estarmos hoje em dia tentando modificar o corpo constantemente, na verdade vem da incapacidade de mudarmos as condições da nossa existência. A indústria da estética somada aos veículos de massa propaga a idéia de uma soberania sobre o corpo que se estende à sua aparência, ao seu invólucro. Mas, essa constante vontade de nos modificarmos, substituímos este corpo, levanta grandes questões sobre a condição humana e a relação que atualmente estabelecemos com ele.

Nos últimos 200 anos, assistimos a derrubada de muitos dos dogmas e crenças que foram, durante séculos, os alicerces da civilização ocidental. A ciência e a tecnologia passaram assim, a serem consideradas as únicas soluções possíveis para os problemas humanos se colocando, hoje, como provedoras da salvação. Surgiram para resolverem problemas, com o objetivo de obtermos mais tempo para nos dedicar à nossa família, à nossa felicidade, e a nós mesmos, no entanto foi exatamente o oposto que aconteceu.

O distanciamento do corpo veio acompanhado de uma deterioração dos valores sobre os quais se apóia a sociedade. A crise de valores é tão grande que a nossa civilização está despedaçando-se num crescendo de violência, terrorismo e guerras. Nos cercamos de aparatos artificiais para permanecermos em sintonia com este sistema cada vez mais ativo e veloz. O tempo que agora é escasso e o mundo como um lugar hostil, nos leva a um estado de constante suspeita de nós mesmos e dos outros, essa sobrecarga de exigências se traduz, possivelmente, na perda do espaço de reflexão interior. Esquecemo-nos, portanto, de viver bem, viver harmoniosamente, para nos tornarmos candidatos a sobreviventes nessa corrida.

Talvez se justifiquem por isto, as tendências voltadas para as doutrinas ou filosofias orientais integradas a diversos aspectos da nossa cultura ocidental. O uso de técnicas de medicina alternativa, como a acupuntura, do-in, shiatsu, ou ainda a prática de artes marciais, arquitetura feng shui e também, o yoga nos mostram isto. A entrada do yoga no Ocidente tem sido freqüentemente atrelada à necessidade de suportarmos um modo de vida estressante, uma carência de espiritualidade e relacionada, também em alguns casos, a um modismo. Iyengar (2001), um dos grandes pensadores desta prática, observa que a adoção da filosofia yogui por muitas pessoas no Ocidente ocorre pela deficiência de meios de vinculação do indivíduo com o todo. E essa busca não é restrita ao homem oriental, ela está na essência humana, sem fronteiras geográficas e é atemporal.

O yoga sob esta visão está longe de ser apenas ginástica para manter a saúde. Dentro do contexto indiano é um dos seis modos fundamentais do conhecimento hindu e também está descrito como a sabedoria na ação, um veículo de ajustamento psicofísico. Todavia, de forma enfática, o yoga traz para o Ocidente um discurso saudável e mostra a

intenção de buscarmos uma visão mais holística e ilimitada do indivíduo, contribuindo para um questionamento da nossa percepção de mundo e, por conseguinte, de nós mesmos.

Foucault (1994) traz para a contemporaneidade um conceito que corrobora esta idéia. Através das minhas vivências pude observar a filosofia yogui como uma das várias maneiras pelos quais os indivíduos “elaboram um saber sobre eles mesmos” que, neste conceito foucaultiano denominou de técnicas. Estas ele classificou em quatro grandes grupos: as técnicas de produção, de sistemas de signos, de poder e as de si. Porém, a procura do conhecimento de si, requerido pelo yoga, constituiu no que Foucault entende como função das “técnicas de si”, no qual:

permitted aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformar-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (FOUCAULT, 1994, p.783-813)

A partir das reflexões feitas até aqui, este estudo caracteriza-se como sendo uma pesquisa qualitativa uma vez que, este tem como objetivo verificar as representações de corpo das yoguínas, de um estúdio de Porto Alegre e a relação com o “corpo” representado na filosofia yogui e assim, estabelecer uma relação entre o yoga e o corpo da atualidade. Este corpo que aqui é tratado com sendo um construto cultural, social e histórico e não como um substrato biológico apenas. Será utilizado como instrumento metodológico entrevistas semi-estruturadas, esta técnica permite um aprofundamento já que ela, conforme Goldemberg (2005), é mais adequada para a revelação de informações, assuntos complexos e emoções e também por ser como destaca Minayo (2000) material primordial da investigação qualitativa, a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos. Sendo assim, a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos determinados em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas. Para tais entrevistas serão requisitadas cinco alunas, na faixa de 40 aos 55 anos, de um estúdio de yoga de Porto Alegre. O número de sujeitos utilizados frente àqueles da pesquisa quantitativa gera uma das indagações mais freqüentes no campo da pesquisa qualitativa que se refere à representatividade da fala individual em relação a um coletivo maior. Mas, como observa Sapir (1967 apud MINAYO, 2000, p.28) "o indivíduo concretiza, sob mil formas possíveis, idéias e modos de comportamento implicitamente inerentes às estruturas ou às tradições de uma dada sociedade". O autor acrescenta que "se um testemunho individual é comunicado, isto não quer dizer que se considera tal indivíduo precioso em si mesmo. Essa entidade singular é tomada como amostra da continuidade de seu grupo".

A pesquisa está em andamento e até o mês de setembro, resultados poderão ser apresentados.

REFERÊNCIAS:

ÉLIADE, Mircea. **O Yoga: imortalidade e liberdade.** São Paulo: Editora Palas Athena. 1988. 507 p.

FOUCAULT, Michel. **Dicts et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, p.783-813. disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>>. Acessado em 30 de fevereiro de 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2005. 107 p.

IYENGAR, B.K.S. **A árvore do ioga**: a eterna sabedoria aplicada à vida diária. São Paulo: Globo. 2001. 280 p.

LOURO, Guacira L., FELIPE, Jane, GOELNER, Silvana V. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis RJ: Vozes. 2003. 254 p.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. São Paulo: Papirus, c1999. 240 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. Rio de Janeiro : HUCITEC, 2000. 269 p.

SANT'ANNA, Denise. **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. 190 p.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Florianópolis : UFSC, c2001. 144 p

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. Campinas: Editora Autores Associados, 2004. 180 p

Vera Lúcia Pereira Brauner (Prof^ª. Dra. PUCRS)
Av. Guilherme Alves, 105 Bairro Petrópolis,
Porto Alegre – RS – Brasil. CEP 90680-001
vlbrauner@puers.br

Verônica Teixeira Guarnieri (Graduanda de Educação Física – PUCRS)
Travessa Universina Araújo Nunes,42
nicaguarnieri@gmail.com

Danielle Miranda Lopes (Bolsista BPA/PUCRS)
R. Capitão Cristalino Fagundes, 315. Bairro Cel. Aparício Borges.
Porto Alegre – RS – Brasil. CEP: 90680-340
danimirl@terra.com.br